

5 Conclusão

“A questão é: quanta realidade se deve reter mesmo num mundo que se tornou inumano, se não quisermos que a humanidade se reduza a uma palavra vazia ou um fantasma? Ou, para colocá-la de outra forma, em que medida ainda temos alguma obrigação para com o mundo, mesmo quando fomos expulsos ou nos retiramos dele?”

Hannah Arendt.

Este estudo apresentou uma abordagem interpretativa das reflexões arendtianas sobre o conceito de mundo, sobre o homem com um ser-do-mundo, sobre o projeto totalitário de desmundanização do mundo e desumanização dos homens, cuja novidade radical permitiu à Hannah Arendt reconsiderar criticamente o acosmismo pré-moderno e moderno expresso no quadro conceitual da filosofia política tradicional e no ordenamento hierárquico das diferentes atividades voltadas para a construção e preservação do mundo *humano e comum*.

Nos capítulos 2, 3 e 4 (“Mundo e Totalitarismo: a desmundanização totalitária”, “Mundo e *Vita Activa*: os cuidados humanos e suas constelações hierárquicas” e “Mundo e Pensamento: ‘o outro lado da ação’”), elaborou-se, por um lado, uma reconsideração fenomenológica dos engajamentos humanos com o mundo e, por outro, analisou-se as diferentes configurações de acosmismo: tanto no projeto de desmundanização empreendido pelos regimes totalitários quanto nas conceitualizações tradicionais sobre a vida ativa de Platão a Marx, e ainda nas ordenações hierárquicas pré-modernas e modernas dos mais básicos cuidados humanos com o mundo, sejam eles ativos (o trabalho, a fabricação e a ação) ou não-ativos (o pensamento).

O percurso de elaboração do presente estudo espera ter demonstrado que o maior ensinamento do legado teórico arendtiano pode ser enunciado nos termos da seguinte asserção: de modo talvez menos cruel que a desmundanização totalitária, mas não menos radical, as grandes inquietações políticas e espirituais do nosso tempo nos reivindicam, por um lado, a elaboração de novos instrumentos de análise que se reapropriem criticamente da tradicional reflexão sobre os cuidados humanos (vida ativa) com o mundo e, por outro lado, a recuperação da relevância

do pensamento para o mundo e para a compreensão do significado da confiança dos homens no mundo enquanto abrigo estável e adequado ao aparecimento da pluralidade humana na modalidade da ação e do discurso.

Vimos que Arendt considera a experiência do *colapso do mundo* como decisiva na formação das massas solitárias e na elaboração dos modernos movimentos ideológicos de massas: os regimes totalitários. Os elementos formadores desse “colapso do mundo” foram súbita, contingentemente e imprevisivelmente cristalizados numa nova forma de governo que desafiou nosso senso comum e colocou o presente em conflito com os parâmetros usuais de compreensão. O totalitarismo usurpou toda a dignidade da sabedoria herdada da tradição e nos fez indagar pelo que está nos acontecendo e pelo que estamos fazendo em um mundo que se tornou incompreensível por meio da narrativa histórica oficial. “A análise histórica e o pensamento político permitem crer, embora de modo indefinido e genérico, que a estrutura essencial de toda a civilização atingiu o ponto de ruptura” (ARENDT, 2004, p.11). Em tudo que pensou, Hannah Arendt partiu da experiência de que o totalitarismo iluminou a

“irritante incompatibilidade entre o real poderio do homem moderno (maior do que nunca, tão grande que pode ameaçar a própria existência do seu universo) e a sua incapacidade de viver no mundo que o seu próprio poderio criou, e de lhe compreender o sentido” (2004, p. 13).

Analisamos que as dominações totalitárias de esquerda e de direita são compreendidas na obra arendtiana como soluções destrutivas e habilidosas para essa extrema incompatibilidade entre o poder científico e tecnológico do homem moderno sobre o real e a sua extrema inaptidão para pertencer plenamente às condições mundanas de sua existência, bem como de compreender o significado daquilo que ele faz e daquilo que lhe acontece no mundo. A ideologia e o terror foram os instrumentos do totalitarismo para solucionar essa incapacidade experimentada pelo homem moderno de “viver” (*ser-do-mundo*) e pensar no mundo que ele mesmo criou com a expansão avassaladora do seu poder técnico-científico. Embora os acosmismos pré-moderno e moderno não tenham modificado as condições mundanas da existência humana e destruído inteiramente as capacidades dos homens de construir, manter e pertencer ao mundo, eles procuraram destituir justamente o caráter “humano” e “comum” do mundo; seja

pela obtenção de uma dimensão de autoridade metafísica não-humana e não-política que supostamente governaria o mundo humano e comum, seja pela obtenção do ponto arquimediato a partir do qual seria possível desencadear processos naturais, canalizar forças e energias “universais” para dentro do artifício humano, criando um gigantesco maquinismo tecnológico que desempenha o ritmo de um processo biológico, destruindo, assim, a separação entre a realidade do mundo natural e a mundanidade do mundo como abrigo e assunto dos homens. Arendt se irrita com a incompatibilidade entre a obtenção de uma verdade metafísica acolhida pela contemplação ou a descoberta do ponto arquimediato e o caráter “humano” e “comum” do mundo enquanto abrigo e assunto de homens plurais.

O caminho de desdobramento que desenvolvemos expôs o modo como Hannah Arendt, com acuidade conceitual e lucidez reflexiva, esforçou-se por demonstrar aquilo que, de modos distintos, Nietzsche e Heidegger haviam também descoberto e formulado em suas respectivas críticas à tradição metafísica e, em especial, à racionalidade técnico-científica moderna. Trata-se de observar que uma sociedade formada pela homogeneização dos homens em massas solitárias e desarraigadas, o desenvolvimento da ciência e da racionalidade tecnológica torna-se destituído de qualquer força criadora, libertadora ou emancipatória e se converte em poderosa arma de dominação e opressão de indivíduos supérfluos e alienados do mundo.

Por esta via, a obra de Arendt tendo em vista o seu conjunto e na perspectiva de sua coerência interna não-coercitiva e unidade não-sistemática é atravessada por uma dupla preocupação fundamental, qual seja: compreender as origens dessa incapacidade do homem moderno de “viver” (ser-do-mundo) ou pertencer ao mundo criado pelo poder da sua racionalidade e de compreender-lhe o seu sentido. Vimos que o evento totalitário deve ser concebido como uma implicação política dessa dupla incapacidade constitutiva das massas modernas de cultivar o *amor mundi*, ou seja, um vínculo essencial com o mundo em seu caráter “humano” e “comum”.

No terceiro capítulo investigamos uma dessas incapacidades: aquela que diz respeito à degradação pré-moderna e moderna da ação e, por conseguinte, ao obscurecimento do lado público do mundo. No quarto capítulo analisamos os contornos da outra incapacidade que, segundo Arendt, o homem moderno

experimenta: compreender o mundo, ou seja, elaborar significados para aquilo que ele faz e sofre no mundo. Da questão arendtiana sobre “o que estamos fazendo?” ou sobre “o que o homem faz quando está ativo?” passamos para a interrogação sobre “o que fazemos quando pensamos?” ou sobre “o que o homem faz quando nada faz senão pensar?”. Assim sendo, apresentarmos no quarto capítulo não somente a importância da compreensão para o cuidado do mundo, mas também os impactos do evento totalitário e das condições espirituais do mundo atual sobre a capacidade do homem moderno de compreender o que ele faz e o que lhe ocorre no mundo. Vimos que Arendt concebe o totalitarismo como um evento que rompe com a sabedoria comum herdada da tradição e aparta a compreensão ou o pensamento do mundo. Quando isso ocorre, o pensamento se sujeita ou a perda total de significação ou a repisar velhas verdades que já perderam qualquer relevância concreta para o homem.

Demonstramos de que modo Arendt está diante da tarefa de reconciliar o pensamento e a realidade sem recorrer ao absoluto, às categorias do entendimento que aplicariam o geral ao particular ou às forças coercitivas do raciocínio. Para isso ela terá que estabelecer uma nova concepção da atividade de pensar que recupere a sua relevância para o mundo e supere as imagens tradicionais do pensamento enquanto um instrumento para conhecer ou agir. Arendt considera que o totalitarismo nos fez experimentar um novo espanto diante do mundo em seu caráter “humano” e “comum”; um espanto que nos possibilita talvez pensarmos de novo e repensarmos sobre o que significa pensar, sobre o que fazemos quando pensamos, sobre a relação entre pensamento e história, enfim, sobre a recuperação da “necessidade de pensar” e da importância do pensamento para os assuntos humanos e para o cuidado do mundo.

Numa carta de 20 de março de 1971, endereçada a Martin Heidegger, Arendt escreve o seguinte:

“É sempre possível que ainda chegue a publicar um livro que tenho sob minhas mãos – uma espécie de segundo volume da *Vita Activa*. Sobre as atividades humanas não ativas: pensar, querer, julgar. Não tenho a menor idéia se ele vingará e quando estarei pronta com o trabalho” (ARENDT, 2001c, p. 151).

A autora se refere aqui ao conjunto de reflexões que empreendeu desde o início da década de 70 sobre as manifestações mais básicas da “vida do espírito” e

expôs resumidamente sob a forma de palestras (em 1973 e 1974, nas *Gifford Lectures* da Universidade de Aberdeen, na Escócia) e cursos regulares (em 1974 e 1975 na *New School for Social Research*). Em 1978, cerca de três anos após a morte de Hannah Arendt, surgiu a primeira edição de uma obra organizada pela sua inventariante e amiga Mary McCarthy intitulada “A Vida do Espírito”. Mas o que faz da “Vida do Espírito” um “segundo volume” de “A Condição Humana”? O presente estudo apresentou a relação de continuidade não-evolutiva que podemos identificar entre essas obras aparentemente tão díspares. Demonstramos que a inquietação primordial que está na base dessas reflexões e que, de algum modo, já estava presente nas análises de “Origens do Totalitarismo”, era empreender uma reconsideração crítica do caráter *comum* e *humano* do mundo a ser instaurado e preservado enquanto abrigo e assunto de homens plurais. Vimos em que medida o declínio da atividade de pensar e o obscurecimento da capacidade de agir foram os fatores cruciais para o “colapso do mundo” que, no século XX, formou a massa supérflua administrada pelo terror e doutrinação pela ideologia no totalitarismo. Investigamos que relação há entre as atividades humanas “ativas” e “não ativas” e de que modo elas estão envolvidas com o “cuidado do mundo”, com o cultivo do amor pelo mundo comum e humano bem como com a instalação da presença do homem no mundo.

As análises arendtianas sobre as atividades ativas e não-ativas partem da supracitada experiência de dupla incapacidade do homem moderno de viver ou pertencer ao mundo, assim como compreender os possíveis significados para aquilo que faz e lhe acontece nele. Essa distinção fundamental entre “atividades ativas” e “atividades não-ativas” reflete a dupla preocupação que atravessa a obra de Arendt, qual seja: reconsiderar a dignidade da ação no conjunto da vida ativa e a capacidade de pensar no conjunto da vida espiritual, a fim de renovar as bases filosóficas sobre as quais a política esteve fundada, reinventando ambas: política e filosofia. A obra de Arendt consiste no esforço por reconsiderar essa oposição entre pensamento e ação através de uma apropriação crítica da tradição do pensamento político ocidental. Essa apropriação almeja, por um lado, recuperar para as atividades humanas, um novo significado quando todos os fundamentos tradicionais perderam a validade e, por outro lado, avaliar o modo como o declínio da atividade de pensar e o obscurecimento da ação foram os fatores cruciais para o colapso do mundo, para a formação das massas solitárias e para o

desenvolvimento da mentalidade dos modernos movimentos ideológicos de massas. As reconsiderações fenomenológicas e históricas de Arendt sobre a vida ativa e a vida não-ativa do homem pretendem, por um lado, salvar as significações dessas atividades, revelando as distorções, encobrimentos e impensados inerentes às concepções tradicionais; e, por outro lado, buscam também diagnosticar a configuração da relação recíproca entre essas atividades no mundo moderno.

Deste modo, a partir das análises sobre as origens do totalitarismo e o modo como tal evento ilumina a perda da nossa tradição de pensamento, usurpando a sua dignidade e revelando o colapso do mundo como a experiência das massas modernas, a obra de Arendt opera um duplo dismantelamento da tradição: o primeiro, como vimos no capítulo 3, presente em “A Condição Humana”, diz respeito ao obscurecimento, ao rebaixamento e às indistínções estabelecidas pelas concepções da filosofia política ocidental pré-moderna e moderna sobre as atividades mais elementares da vida ativa, sobretudo, a ação, a mais obscurecida e desafiada; o segundo, elaborado de modo decisivo em “A Vida do Espírito” e tematizado em nosso capítulo 4, refere-se às “falácias metafísicas” da tradição que deturparam as “atividades não-ativas” do espírito, sobretudo o pensamento e o juízo, as mais desafiadas pelos eventos do mundo moderno.